escola deixou remanescentes ilustres. Todavia, ainda poderíamos citar, além dos já mencionados ARTUR TEÓFILO, da Padaria Espiritual, autor de vários contos estampados n' *O Pão*, e de PEDRO MONIZ, do Centro Literário, autor da novela *O Estupro*, publicada na revista *Iracema*, em 1896, o contista JOSÉ LUÍS DE CASTRO, no início do século colaborando no *Almanaque do Ceará*, bem como ANTÔNIO FURTADO, com seu livro de contos *Idéia Fixa* (1931).

Podemos apresentar como figuras divergentes ANA FACÓ, autora dos romances *Rapto Jocosos e Nuvens*, surgidos ambos em folhetins do *Jornal do Ceará* em 1907 (segundo nos informa Abelardo F. Montenegro em *O Romance Cearense*, 1953) e editados em volume em 1937 e 38, respectivamente, obras que são pautadas pela estética romântica; JOÃO MIGUEL DA FONSECA LOBO é autor do romance, também romântico, *A Camponesa*, publicado em 1914.

SIMBOLISMO

Segundo informação de Adolfo Caminha, um único volume do *Só*, do poeta português Antônio Nobre, que surgira em Fortaleza, era lido e relido pelos rapazes da Padaria Espiritual, andando de mão em mão. Ao que acrescenta o autor d'*A Normalista*: "O *Só* era a nossa bíblia, o nosso encanto, o nosso livro amado".³⁷ Deduz-se daí, e mais dos versos que iremos ter oportunidade de ler, que o Simbolismo aparecido no Ceará na década de 90 foi bebido diretamente de Portugal, sem influência portanto do grupo da *Folha Popular*, do Sul do País, onde pontificava Cruz e Sousa. Interessante é que a maioria dos "padeiros", Antônio Sales à frente, atacava violentamente os chamados decadentistas ou nefelibatas. Mas o fundamental é observarmos que, enquanto o Simbolismo de um Lopes Filho e de um Lívio Barreto já era puro Simbolismo, e não apenas prenúncio, o chamado Parnasianismo

de Antônio Sales ou de outros de seu tempo quase nada tinha de comum com a arte de Heredia ou Leconte de Lisle. Assim, podemos seguramente afirmar que o Simbolismo no Ceará, surgindo com a Padaria Espiritual, foi anterior ao Parnasianismo, que só seria instaurado verdadeiramente no início do século XX. Note-se ainda que o livro *Phantos*, de Lopes Filho, é do mesmo ano dos *Broquéis* e do *Missal* de Cruz e Sousa, os quais são considerados o marco inicial do Simbolismo nacional.

LOPES FILHO

João Lopes de Abreu Lage — Nasceu em Fortaleza, no dia 7 de abril de 1868, e faleceu na mesma cidade, em 19 de julho de 1900. Publicou um único livro, *Phantos* (1893), recebendo desde logo a qualificação de decadista. Embora Antônio Sales, na Carta-Prefácio ao livro, dissesse claramente que o poeta seguia os poetas simbolistas, o próprio Lopes Filho iria pouco tempo depois atacar os chamados nefelibatas. Seu livro, entretanto, é o marco inaugurador da corrente em nosso Estado. Não obstante, seu autor é completamente desconhecido no Sul do País e, o que é mais interessante, não figura em nenhuma antologia, mesmo de autores cearenses.

PHANTOS

I

*Ó Nirvana! repouso absoluto e completo!
Sonha, Espírito meu, eleva-te às alturas,
Onde as Águias do Céu, no seu mundo dileto,
Olham, cheias de horror, as pobres criaturas!*

*Ó Ideal do Amor imaterial e casto,
Harmonias dos Sons, combinação da Cor:
Encantado País, Mundo mais que este vasto,
Ó região que eu sonho! ó região do Amor!*

*Poetas! meus irmãos! febris adoradores
Do Luar e do Sol que morre quando desce
A noite sob o pálio auricolor dos Astros!*

*De joelhos, irmãos! rezemos nossa prece!
Amigos, a rezar! nós que vamos de rastros
Por este Mundo vil de mágoas e negrores!...*

IGREJINHA

*Igrejinha aldeã! como de ti me lembro!
Vejo-te ainda assim, velhinha, esbranquiçada,
Como o branquinho véu de uma menina noiva
Pura e singela a rir, muito alegre e caiada!
Igrejinha aldeã, ó minha torre amada,
N' alma, triste a lembrar os dias de Setembro,
Quando uma rola, tonta ao sol, encandeada,
Ia a morte encontrar na parede caiada...
Igrejinha aldeã, ó minha torre amada,
Como de ti me lembro!*

*Eu tinha 8 anos e minha Mãe me levava
(Com a minha Irmã que ia ao colo e eu pela mão)
À missa do dia aonde todos rezávamos
Uma ave em louvor à Virgem da Conceição...
E a Virgem Santa e pura as orações guardava,
Enquanto minha Mãe pedia e suplicava
A Deus Nosso Senhor, de todo Coração!*

*Fé dos tempos (que)vão, vinde, pois, à minh' Alma!
Vinde enchê-la de vida e de paz e de calma...
Virgem Santa, fazei que eu seja bom e crente!
Eu amo-te ainda, e hei de amar-te toda a vida,
Como naquele bom tempo em que era inocente!
Hoje o que me falta é somente a confiança,
A fé que eu tinha quando era uma criança;
Quando, alegre e jovial, nas noites de Novena,
Cantava com uma voz plangente, enternecida:
Ave, gratiae plena!...*

*E as velhinhas, então, olhavam para mim,
Admiradas, talvez, por eu cantar latim!...*

OS VENCIDOS DA VIDA

*De nosso lábio triste e descorado
Murchou a flor vermelha da Alegria;
E o nosso rir é um rir contrariado,
Sempre amarelo e cheio de ironia...*

*Vinte anos! já velhice! quem diria
Que chegasse (tão cedo) tal estado,
Em que é o Coração supliciado
Um claustro cheio de Melancolia!*

*Schopenhauer! Lusbel, tu semeaste
A dúvida cruel em nossos peitos,
E a Fé e o Amor de nós arrebataste!*

*Vamos, pois, meus amigos, no abandono!
Resta-nos hoje o derradeiro Sono!...
— Coveiros! onde estão os nossos Leitos?*

Martírio de Santa Júlia

(De um quadro)

*Morta! sobre uma cruz, os braços hirtos,
Banha a água do Luar seu níveo rosto!
E erram no ar uns funerários gritos:
— São os tristes gemidos do Sol-posto...*

*Flores esparsas pelo chão, também,
Choram a Santa que voou tão cedo,
Ao longínquo País de onde ninguém
Trouxe aos humanos o menor segredo!*

*Sobre o seu corpo branco de alabastro
Caem as luzes místicas de um Astro
Que anda perdido na azulada esfera;*

*Enquanto o seu olhar terno e dorido,
— com essa calma que a Virtude gera —,
No Luar se alonga, como um vão gemido!*

(Lopes Filho. *Phantos*. Fortaleza, Tip. Universal, 1893, 1-2;
7; 55; 30.)

No primeiro soneto percebe-se a concepção decadentista da vida, a qual nada vale, num mundo simplesmente “vil”; em consequência, tem-se que buscar o Nirvana (a beatitude, o Nada), oriundo das crenças orientais, através de Schopenhauer, filósofo alemão (1788 — 1860) cujas idéias pessimistas tiveram repercussão no movimento simbolista; temos assim o escapismo próprio dos chamados nefelibatas, sendo de notar a personificação dos nomes por meio das maiúsculas alegorizadoras, para não citarmos a rima *astros / rastros*, largamente usada então. Em “Igrejinha”, temos outra característica do Simbolismo: a irregularidade dos versos alexandrinos. Essa irregularidade, bem como o tom geral, meio ingênuo e coloquial, traem influência de Antônio Nobre. No verso 1.º da terceira estrofe, acrescentamos um *que* (o qual deixamos entre parênteses) certamente omitido no original por erro tipográfico. No soneto “Os Vencidos da Vida” novamente se patenteia o pessimismo decadentista, sob influência de Nobre (este poema é bem irmão daqueles em que o português vazou sua desilusão, como o n.º 13, do *Só*, em que diz: *Ó meus amigos! todos nós falhamos... / Nada nos resta. Somos uns perdidos*). Ainda aqui surgem maiúsculas personificadoras, sendo digna de nota a alusão a “claustro”, o que introduz mais um elemento simbolista: o misticismo. Entretanto, o poema nada tem de religioso e, apostrofando Schopenhauer, citado nominalmente, o poeta chama-o de Lusbel (o mesmo que Lucifer) e abomina o pessimismo que o filósofo difundiu. Por fim, “O Martírio de Santa Júlia”, apesar de trazer a indicação (De um quadro), o que poderia sugerir a maneira fotográfica de reproduzir cenas entre os chamados parnasianos, traz-nos todo um arsenal de características sim-

bolistas: o Luar (com maiúscula, como vários outros vocábulos no poema) banhando o rosto da Santa com a água de sua luz, enquanto erram pelo ar “funerários gritos”; esses gritos são os gemidos do Sol-posto, diz o próprio poeta, e aqui temos a presença da sinestesia ou reciprocação de sentidos, que vai repetir-se no final do soneto, quando o olhar da Santa se alonga, no Luar, como um gemido. Some-se a isso o Astro perdido no azul, astro que deve ser a Lua, já indiretamente mencionada, mas que se reveste de certo mistério, já que surge de forma indefinida (um Astro); o misticismo, presente em todo o poema, é referido expressamente através das “luzes místicas” desse mesmo astro. Entre as irregularidades verificáveis nessa composição, temos a rima *hirtos / gritos* e, como no primeiro poema transcrito, a falta de rima nos quartetos entre si (quanto a isso, caso não constitua traço exclusivamente simbolista, pelo menos ocorre em vários poetas da corrente, como Emiliano Pernetá, Dário Veloso, Alceu Wamosy, Ernâni Rosas e Silveira Neto, para não alongarmos a lista). Assinale-se, por último, que os hiatos nos versos 2.º, 6.º, 7.º e 10.º, e a dialefa no verso 3.º, contribuem para dar maior fluidez ao poema, o que redundava naquela imprecisão ou vaguidade tão do gosto dos poetas simbolistas. Ausente de todas as antologias cearenses ou nacionais, Lopes Filho apresenta no entanto notável importância, sobretudo do ponto de vista cronológico, uma vez que seus *Phantos* já estavam expostos à venda em Fortaleza desde julho de 1893, sendo assim anteriores aos *Broquéis*, com que Cruz e Sousa iria inaugurar a poesia simbolista brasileira, em agosto desse ano (*O Missal*, de janeiro, é de prosa poemática). Sobre o poeta cearense escrevemos “Lopes Filho e o Advento do Simbolismo no Brasil”, estampado na revista *Aspectos* n.º 4, da Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social do Ceará (Fortaleza, 1972, p. 85ss).

LÍVIO BARRETO

Nasceu em Granja, no dia 18 de fevereiro de 1870, vindo a falecer em Camucim, em 29 de setembro de 1895. Foi um

dos maiores poetas de seu tempo e pertenceu, como Lopes Filho, à Padaria Espiritual. Seu único livro de poesia, *Dolentes*, foi publicado por iniciativa de Valdemiro Cavalcante, também "padeiro" e seu conterrâneo, que o prefaciou (1897). Algumas produções de Lívio Barreto figuram no *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, de Andrade Muricy (1952). Por ocasião do Centenário de nascimento do poeta, a Secretaria de Cultura do Ceará publicou, em colaboração com a Universidade Federal do Ceará, a 2.^a edição dos *Dolentes*, organizada por Braga Montenegro e com Apresentação e Notas de Sânzio de Azevedo (1970).

CREDECIAL

*Arte! suprema, incomparável Arte!
Tu, Cornélia, que os filhos avigoras
P'ra desfraldar às noites e às auroras
Teu glorioso, harmônico estandarte;*

*Arte do Verso, preenhe de luas,
De sóis fecundos, de pujantes messes,
Ampla seio de prantos e de preces,
De amarguras, de risos, de pesares;*

*Arte do Verso, Arte das harmonias
Vibrantes, doudas, cálidas, inquietas;
Elétrica centelha dos Poetas,
Que esfolhas rosas sobre as agonias;*

*Arte nevada de dolências meigas,
Pulcra santa de beijos dolorosos.
Que tens os seios de rosais cheirosos
E a virgindade de cheirosas veigas;*

*Arte, monja de idílica piedade,
Que tens, eterna, angélica visão,
No olhar o Angelus nobre do Perdão
E a paz augusta da maternidade;*

*Arte! ideal, oh sacrossanto viático!
Ó Arte — Mater de consolações!
Com os meus sonhos e amores e ilusões
Fiz-te um missal de Dor! — sou teu fanático!*

LÁGRIMAS

*Lágrimas tristes, lágrimas doridas,
Podeis rolar desconsoladamente!
Vindes da ruína dolorosa e ardente
Das minhas torres de luar vestidas!*

*Órfãs trementes, órfãs desvalidas,
Não tenho um seio carinhoso e quente,
Frouxel de ninho, cálix rescendente,
Onde abrigar-vos, pérolas sentidas.*

*Vindes da noite, vindes da amargura
Desabrochastes sobre a dura frágua
Do coração ao sol da desventura!*

*Vindes de um seio, vindes de uma mágoa
E não achastes uma urna pura
Para abriga-vos, frias gotas d'água!*

POEMAS NOTURNOS

*Vai tarde a noite. Todo o azul cintila
Como uma azul, nostálgica pupila.*

*Vão as estrelas como virgens louras
No terraço do céu passeando e rindo,
Às amplidões profundas, sonhadoras,
As longas tranças d'ouro sacudindo.*

*E com a paz magnânima de um crente
Reza o Silêncio taciturnamente.*

*Para as bandas do sul as nuvens correm
Como blocos de gelo sobre o mar;
Brancas, tão tênues que de tênues morrem;
Cansa-se a vista para as alcançar.*

*Gemem do vento as quérulas surdinas
No órgão melancólico das ruínas.*

*Uma estrela destaca-se, brilhando
Mais do que as outras, luminosa e bela;
E eu fico ansioso e trêmulo cismando
Ó minha amada, se é tua estrela.*

*Pálida, corta a Estrada de Santiago
O céu profundo, acinzentado e vago.*

*Tudo o que eu vejo em cima é triste e doce,
Misteriosamente concentrado,
Como se acaso tudo em cima fosse
Como o meu peito pela dor trancado.*

*Na imensa aquosa solidão dos mares,
Quantos nautas cismando nos seus lares!*

*Esses têm lares e eu não tenho, olha,
E também vou sobre este mar, querida,
E o malmequer que, pálida, desfolha
A tua mão é mais do que eu com vida!*

*Do azul longínquo vai a lua em meio,
Monja da noite de rosário ao seio.*

*Vai longe a noite; quem me dera o dia!
Estou cansado desta solidão...
Ó sol, acaba esta melancolia
Que a lua deixa no meu coração.*

OS CRAVOS BRANCOS

*Cravos brancos, cravos brancos como o leite,
Que as noivas levam para a Igreja ao ir casar
Cravos da cor das escumilhas do corpete,
Branco de espumas atiradas pelo mar.*

*Cravos brancos invejados pelos goivos,
Cravos brancos que de brancos dão vertigens;
Cravos que são como hálitos de noivos,
Beijos de noivos embaciando mãos de virgens!*

*Cravos brancos, cravos brancos, lágrimas d'anjo,
Cravos de maio cor de leito de noivado;
Cravos do luar que sorri como um arcanjo
A meditar no seu castelo enamorado.*

*Ó cravos brancos! Brancas flores misteriosas,
Seios ireis agasalhar com vossas neves,
Seios macios como pétalas de rosas,
De carne rija, sangue quente e curvas breves.*

*Flores dormentes de volúpia e de desejos,
Sempre a sonhar presas aos seios das donzelas,
Amarrotadas pelo fogo de seus beijos
E sempre brancas, sempre puras, sempre belas!*

*Flores que as noivas levam presas na caçoula
Das mãos de arminho, cravos brancos, para o altar,
Para, ao voltar com as faces de papoula,
Dá-los às virgens para logo irem casar.*

*Cravos brancos como as mãos da minha amada,
Quando eu descer à terra fria, num caixão,
Desabrochai, brancos soluços d'alvorada,
Ó cravos brancos que plantei no coração.*

AO LUAR

*Abro a janela. O luar canta no espaço e alaga
Tudo, possante assim como uma inundação.
Subjugando a noite o escuro tredo esmaga,
É um combate fatal, uma revolução.*

*Por toda a parte a rir sua luz se propaga.
Acorda o lírio e doira a grama pelo chão,
Vai ao mar e incendeia a espuma sobre a vaga,
Branqueia a rocha e faz a nuvem de algodão.*

*Fura a tapeçaria espessa da folhagem,
Dilui-se, corre, vaza, inunda, e, na viagem,
Desce como um rastilho às fragas, aos barrancos.*

*Vai aos rosais em flor, bole nos jasmineiros,
Aromatiza o ar, murmura. E nos canteiros
Para ver o luar abrem os cravos brancos.*

O SONO DO CORAÇÃO

*Silêncio na rua. Que longa tristeza
Paira no ar frio e pesado:
Oh, lua de Junho, que incutes tristeza
Como um castelo abandonado;
Como a visão de um mau passado,
Como uma vela ao dia acesa!*

*Nas telhas das casas distantes, cintilas
Pólen de prata do infinito!
Oh, lua de Junho, das tuas pupilas,
Silenciosa, sem um grito
Deixas rolar o pranto aflito
Em ondas claras e tranqüilas.*

*O vento tardio da noite murmura
No campanário abandonado.*

*Oh, lua de Junho, tão triste, tão pura
No teu roupão aurilavrado,
És como um cravo desbrochado
No azul monótono da altura.*

*As aves noturnas, piando, na Igreja
Roçam co'as asas nos altares.*

*Oh, lua de Junho, no alto sobeja
A luz que deixas, pelos ares,
Em flocos, ir cair nos mares
Onde as espumas têm inveja.*

*Naquela janela sonhando ao relento
Deixei ficar meu coração,
Oh, lua de Junho, zombando do vento
Cantando a mística canção
Do seu amor, cheia de unção
E de pesar, como um lamento!*

*De tarde, que ainda não era o sol posto,
O fui deixar n'essa janela;
Oh, lua de Junho, vieste, e no posto
Como uma boa sentinela
Achaste-o ainda, que hora aquela!
Inda a velar ao frio exposto.*

*Faz frio. Que importa que gele a neblina
Inda a velar ao frio exposto.
Quando se dorme e sonha e esquece?
Oh, lua de Junho, se a morte fulmina,
O sono as dores adormece!
Oh, coração, dorme...*

Parece

Que uma mulher o afaga e nina!

(Lívio Barreto. *Dolentes*. Fortaleza, Publicação da Sec. de Cultura do Ceará, 2.^a ed., 1970, org. por Braga Montenegro, pp. 31-2; 90-1; 164-6; 218-19; 222; *O Pão*, n.º 30, 15.12.95.)

Há poemas que oscilam entre o Romantismo e Realismo nos *Dolentes*; mas a feição definitiva do poeta é o Simbolismo, patente nas composições transcritas: na "Credencial", ele fala na Arte do Verso, mas essa arte é cheia de maiúsculas e notas litúrgicas, longe portanto da perfeição parnasiana. "Lágrimas" mostra-nos, numa atmosfera de luares, o artífice do verso, usando a anáfora com requintes de joalheiro. Nos "Poemas Noturnos", os dísticos, entremeados com as quadras, dão o tom solene de responsos, havendo ainda alusões caras aos da corrente, como "Estrada de Santiago", bem como o clima litúrgico ("Reza o Silêncio"...), sobretudo quando o poeta chama a lua de *Monja da noite de rosário ao seio*; para Antônio Nobre, era a lua *do convento do céu a eterna freira*. Em "Os Cravos Brancos", é estranha a musicalidade dos versos, onde se misturam dodecassílabos trímetros (com ictos nas sílabas 4.^a e 8.^a) e hendecassílabos, havendo alguns com acentuação inteiramente irregular: na primeira estrofe, o verso, inicial é um hendecassílabo trocaico, ao passo que os demais são trímetros de 12 sílabas; o primeiro da terceira estrofe, *Cravos brancos, cravos brancos, lágrimas d'anjo*, foge a qualquer tipo conhecido de acentuação do dodecassílabo; por outro lado, surgem alguns decassílabos (*Cravos que são como hálitos de noivos* e *Para, ao voltar com as faces de papoula*, respectivamente terceiro da segunda e da sexta estrofe); aparecem rimas curiosas, como a peneconsoante *leite / corpete*, ou a imperfeita *virgens/vertigens*, largamente empregada pelos românticos. Vê-se que as irregularidades desse poema são pura bizzarria simbolista, já que, através de outros poemas de Lívio Barreto, podemos constatar seu domínio sobre a arte do verso. No soneto "Ao Luar", por exemplo, segue ele estritamente as normas clássicas, menos com respeito ao suarabácti do verso 3.^o onde temos de ler *subijugando*, com uma vogal de apoio para perfazer as 12 sílabas do alexandrino; o luar, aqui, assume tons de mistério, sendo digna de nota a sinestesia no verso inicial, com mistura de sensações visuais e auditivas. Quanto ao último poema, "O Sono do Coração", não foi incluído nos *Dolentes*: encontramos-lo n' *O Pão* n.^o 30, de

15 de dezembro de 1895, trazendo data de 1893; fizemos questão de reproduzi-lo (como já o fizéramos em nosso trabalho "Lívio Barreto e o Simbolismo no Ceará", introdução à 2.^a edição do livro do poeta) pela estranha beleza e notável musicalidade de seus versos, em que se associam hendecassílabos iâmbico anapésticos e octossílabos; não somente de seu ritmo, como também da repetição da apóstrofe "Oh, lua de Junho", em cada terceiro verso, provém grande parte de sua magia encantatória e de sua atmosfera de puro Simbolismo; ainda aqui podemos lembrar a influência de Antônio Nobre, visto o hendecassílabo iâmbico-anapéstico, muito usado por ele, ter sido geralmente, no Brasil, desprezado pelos simbolistas, em favor do trocaico. Lívio Barreto, não obstante haver-nos deixado apenas um livro, avulta como uma das expressões maiores da poesia cearense no século passado ou mesmo em todos os tempos: observe-se que, apesar das irregularidades próprias da escola, o poeta não professava um pessimismo decadentista, antes preferindo expandir-se numa leve tristeza de acentos românticos.

OUTROS NOMES

Poderemos ainda mencionar, entre os nossos cultores do Símbolo, o poeta CUNHA MENDES, cedo transferido para São Paulo, assim como TIBÚRCIO DE FREITAS e CABRAL DE ALENCAR, ambos da Padaria Espiritual e posteriormente freqüentadores das rodas simbolistas do Rio de Janeiro.

VÁRIAS TENDÊNCIAS

Aqui se reúnem os diferentes aspectos assumidos pela nossa poesia, por volta dos fins do século XIX e inícios do século XX. Alguns autores apresentam notas regionalistas, através de certo descritivismo quase impessoal, mas continuam vez por outra rendendo tributo à sentimentalidade romântica. Outros oscilam de um regionalismo tipicamente romântico para o seguro prenúncio do Parnasianismo. Outros ainda pra-